

A TESOURA DE GUIMARÃES.

PERIODICO POLITICO, INSTRUCTIVO E NOTICIOSO.

Redactor principal José Ignacio d'Abreu Vieira.

ASSIGNATURA.

(Sem estampilha.)

Por anno..... 2\$400
« Semestre.... 1\$300
« Trimestre.... \$720

Publica-se todas as terças, e sextas feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados. Assigana-se, e vende-se no escriptorio da redacção rua Donões n.º 13. Preço de cada numero avulso 40 rs. No mesmo escriptorio se recebem os annuncios, que deverão ser pagos a 30 rs. por linha, repetição 20 rs. As correspondencias serão dirigidas ao redactor principal deste Periodico, que as receberá vindo francas de porte, e as publicará, querendo, vindo legalmente reconhecidas por tabellião desta comarca, mediante o preço de 30 rs. por linha. e não contendo materias em opposição ao nosso programma.

ASSIGNATURA.

(Com estampilha)

Por anno..... 2\$930
« Semestre.... 1\$560
« Trimestre.... \$850

GUIMARÃES 19 DE AGOSTO.

TENDO nós, no numero anterior deste periodico, dado, como noticia local, a d'um insulto tumultuoso, ou assuada, feito, em claro dia, á camara municipal do concelho de Fafe, e na presença do magistrado de policia, tudo na forma, que o indicava a voz geral; e não havendo até ontem á noute, motivo algum para nos pôr em dúvida tal noticia, tínhamos feito, e já enviado para a composição em typo o artigo principal, que devia occupar este lugar, discorrendo sobre o assumpto d'uma forma pouco favoravel ao illustre administrador d'aquelle concelho.

Ontem, depois do sol posto, recebemos a carta, que abaixo se verá, do nosso amigo o ill.º sr. Antonio Joaquim Lobo, e hoje de manhã, a que em seguida se lê do ill.º administrador do dito concelho, que nos apressamos a publicar fazendo retirar o artigo do fundo.

O redactor da Tesoura, ou o localista d'ella, não tem culpa, em que as noticias cheguem aqui desfiguradas: culpa teria, se as publicasse de diverso modo d'aquelle, de que se contam. De resto, a local lá está no n.º 194, e as cartas, que a contradizem, aqui estão no n.º 195.

Nossos leitores calcularão a distancia, que da voz publica vai á verdade. Nós fol-

gamos por termos a certeza, de que em Fafe ha uma auctoridade, que tem força necessaria para obstar aos crimes, e bastante jovialidade para se rir do localista da Tesoura, e ainda mais folgamos com a certeza, de que o nosso amigo não ficou tão mal tractado, como a voz publica o indicou, perdoando-lhe de boa vontade a injustiça que nos faz, e que tomamos a liberdade de lhe indicar—Não poder acreditar que s. s.ª tomasse parte em um insulto, não é dizer, ou julgar, que é capaz de tomar parte em brincados de rapazes. —Nós tanto não podemos acreditar uma coisa, quanto não podemos acreditar a outra. O nosso amigo, ou antes, o sr. Antonio Joaquim Lobo, de quem somos amigo, estava no caso de poder enganar-nos, se s. s.ª fosse capaz de enganar alguem.

J. I. d'Abreu Vieira.

CORRESPONDENCIAS.

Snr. redactor.

Não gosto de levar o meu nome á imprensa, porque não quero que alguém supponha que eu quero celebridade, que sei não mereço. Tambem não posso deixar passar em silencio cousas que devem ter publicidade, para honra ou vergonha de quem as pratica. E por isso, quando tenho vagar, e materia, se escrevo alguma

cousa para a imprensa, é sempre em correspondencia anonyma; e com tudo não é com medo das pessoas por quem possa embarrar; ou por que avance falsidades: quem se julgar injustamente agredido, lá tem o tribunal competente — o Jury — As pessoas a quem costume alludir, ou stigmatizar, bem sabem quem é o auctor d'esses artigos: recorram pelos meios legaes, porque os jornaes tem editores responsaveis. Mas os nossos valentões de Fafe assentam que os tribunaes não lhe convem; e por isso recorrem ao assassinato! O trabuco, o cacetete, a mentira, e o terror, é a sua arma favorita! Não seguirei o seu exemplo.

Na Tesoura n.º 194, vem nas locaes, uma com a epigraphe — Justiça de Fafe — que não póde ficar sem resposta, porque alem de ser tudo falsidades, ou factos desfigurados, toca directamente no meu nome em sentido pouco lisongeiro, porque me suppõe capaz d'accções só proprias de rapazes.

Contarei, o mais rezumidamente que me seja possivel, esses factos narrados pelo localista: ahi vai.

No dia 8 do corrente (domingo) chegou a noticia de ter sido decidido em Conselho de Districto o recurso contra a childeira dos carros interposto pela junta de parochia contra a camara: esta noticia foi recebida alegremente pela gente d'esta villa. De tarde, um grupo de rapazes apre-

Carta de Lucia Lucas Laranjada, ama da Roda de Guimarães a sua irmã Laurá Lopes Limonada com o mesmo emprego em Lisboa.

Eu cá recebi, ó mana,
Sua carta malfadada;
Fiquei tão impressionada,
Com toda a sua leitura,
Que ha em mim só amargura.

Logo no principio ao lê-la
Me subiu ao rosto a côr,
E lhe digo sem impôr,
Que me tornei iracunda,
E depois mui furibunda.

E toda a sua leitura,
Me causou abalo tal,
Que hoje em mim inda é fatal,
A sua recordação,
E me opprime o coração.

Eu julgo a mana perdida.
C'os progressos que me diz;
Esta ideia eu logo fiz,
Assim que d'aquí sahio,
E lá para essa partiu.

Sempre eu cá fiquei dizendo,
Que mais dia, ou menos dia,
A mana se perderia,
Deitando um grande borrão,
Cá na nossa geração.

Com que então vem-me gabar,
Esses gallos lá da França,
E dizer-me até com chança,
Que a nossa civ'lisação,
Vem só d'aquella nação?!

E' ter cara sem vergonha,
Quem tal se deixa dizer;
E q'rer mesmo escurecer,
O brilho dos portuguezes
Antepondo-lhe os francezes.

Se estrangeiros me gabasse,
N'uma ou n'outra habilidade....
Mas respeito a caridade,
Virem cá dar-nos lições?!
Isso é só de borrachões.

Que saibam melhor dançar,
Ou cantar com mais cadencia;
Não direi ser imprudencia,
Ir ouvil-os chalrear,
Nem mesmo vél-os saltar.

Que elles sejam habeis mestres,
N'outra qualquer profissão,
Não causa admiração,
Nem devemos estranhar,
Nossó dinheiro levar.

Porque teem governo activo,
Que presa a sabedoria,
E que jámais deixaria,
De promover o seu bem,
O que Portugal não tem.

Por aqui no que se cuida,
E no que ha real progresso,
E' n'um luxo com excesso,
Dizer muito maranhão'
E roubar esta nação.

Tratar d'estradas de ferro,
Quando nem de terra as ha,
E mandar vir para cá,
Todo o bichinho estrangeiro,
Sugar o nosso dinheiro.

Vá com todos os diabos,
Já que o governo assim quer
Visto afirmar cá não ter
Quem nisto metta o nariz,
Por sermos uns imbeciz.

Mas chamar p'ra Portugal
Quem a nós venha ensinar
Caridade ministrar!
Maldigamos uns taes fados,
Que p'ra nós stavão guardados!

sentaram quasi defronte da minha porta, e não defronte da camara, umas poucas de panellas com bombas dentro: n'este tempo passava um homem tocando n'um tambôr; seguiu o seu caminho; e logo em seguida os rapazes chegaram fogo ás bombas, que estalaram, quebrando as panellas. Não houve morras, nem vivas, nem ditos de qualidade alguma; apenas rizadas. É preciso tambem dizer a significação do tal tambôr: era um homem que aqui estava ha mais de 15 dias com um cosmorama, e que todas as tardes sahia com o seu tambôr a chamar espectadores para á noute. É falso que o administrador d'este concelho estivesse presenceando esta brincadeira de rapazes: e nada mais d'aqui se seguiu.

No dia 12 (quinta feira) pela meia noute, sahia eu e mais alguns amigos, de caza do sr. Juiz de Direito, aonde estive-mos tocando quartetos e outras musicas: logo a poucos passos de distancia, e mesmo nas barbas do Juiz, uma malta d'assassinos embuscados atraz das paredes, descarregaram sobre a minha cabeça uma pancada, que me fez um grave ferimento, e que até podia ser mortal, se o braço do assassino fosse robusto! Os assassinos fugiram momentaneamente: eu recolhi-me a casa do sr. Juiz, que immediatamente sahio em perseguição dos assassinos, que já tinham fugido.

Esta é a historia: quem quizer que moralise, os assassinos e a causa d'esta aggressão todo o mundo aponta ao dedo. Eu é que não digo nada, e não vi ninguém.

Admira que factos acontecidos a tão pequena distancia, como é de Fafe a Guimarães, se apresentem tão sensivelmente desfigurados.

Peço, sr. redactor, a inserção d'esta carta no primeiro numero da *Tesoura*; pelo que lhe ficará summamente agradecido este que tem a honra de ser

De v. am.^o e cr.^o

Antonio Joaquim Lobo.

Fafe 18 d'Agosto de 1858.

E no fim de tantos seculos,
A nação mais caridosa,
Soffre que mão aleivosa,
Lh'imprima tal bofetada
Ficando assim affrontada?!

Creio que o governo julga,
Ser tudo as suas pessoas,
Que como não são mui boas
Crê p'r os mais ser novidade
O saber a caridade

E segundo o que alguém diz,
E em letra redonda eu li,
Certas contas por ahi,
De dinheiros são pedidas,
Mas ficam sempre esquecidas

Ora, quem tem um tal bojo,
D'um dinheiro tão sagrado,
Por certo trazer palmado,
Sem contas nenhuma dar,
Que se lhe pode estranhar?

Toda a vida chorarei,
Uns vintens com que cahi,
Para um asylo d'ahi,
Recolher desamparados;
E os vintens? foram palmados.

Sr. redactor.

CUSTA a crêr que, distando a cidade de Guimarães desta villa apenas duas pequenas legoas, e havendo entre uma e outra diarias communicações, se desfigurem os factos da maneira que o seu localista o fez no n.^o 194 da *Tesoura* debaixo da epigraphie — Justiça de Fafe — se é que isto não foi feito de proposito, como parece mais provavel.

Estranho a essa questão da *chiadeira*, que entre a camara, junta de parochia, e habitantes desta villa se tem ventilado no Conselho de Districto, declaro que é falso o que alli se diz a respeito de tumultos e morras á camara, e posso affiançar-lhe que tenho força mais que sufficiente para reprimir qualquer insulto, que por ventura se pertendesse fazer ou á camara, ou a qualquer dos meus administrados.

O facto a que se quer attribuir tanta criminalidade, e com o qual o seu localista tanto se espantou, não passou d'uma brincadeira de rapazes que estouraram umas poucas de bombas dentro de panellas, não defronte da casa da camara, mas no passeio novo desta villa, na occasião em que alli passava um homem que aqui estava ha muitos dias mostrando o cosmorama, e que ia tocando no seo tambôr para attrahir os curiosos.

Eu só cheguei depois da brincadeira, mas ainda que estivesse presente ria-me como faço do seu localista, que quer attribuir a uma acção innocente criminalidade que nunca teve nem passou pela idéa da gente sensata.

O facto do espancamento a que a mesma local se refere só teve logar d'ahi a quatro dias, e nenhuma relação teve com a tal brincadeira. As auctoridades a quem cumpre diligenciar o descobrimento dos criminosos não se descuidam, e quando se chegar a esse resultado v. conhecerá como é falso o que alli se diz.

Rogo-lhe, sr. redactor, a publicação desta minha declaração pelo que lhe ficará muito obrigado quem é

De v. att.^o v.^{or} e cr.^o

José Maria Soares e Castro.

Fafe 18 d'Agosto de 1858.

E vão lá ter boa fé
Nos doces palavriados,
De sujeitos tão honrados,
Que recebem e não dao,
Contas ou satisfação!!

Eu por mim nem mais vintem,
Torno a dar aos taes meninos,
Nada, que elles são finos,
E attrahem tão bem dinheiro,
Que nem Hume, o feiticeiro

E pode a mana gabar-me,
Sucia de tanto respeito!
Sabe só p'ra que tem geito?
E' p'ra nos achincalhar,
E pôr-nos a mendigar.

Fique pois sabendo a mana
Que inda conservo juizo,
E porisso eu lhe diviso,
Na cabeça grande leira,
Por me dizer tanta asneira.

Deixe-me estar c'os beatos,
Qu'inda não é tão má gente,
A Deos se mostra temente,
E tem seu patriotismo,
Ralhando do francezismo

INTERIOR.

— Acabamos de assistir a um desgraçado sinistro, que teve logar no caminho de ferro de leste — o primeiro que se dá nesta linha-ferrea. Em consequencia da tourada de curiosos que se effectuou nos Oliveaes, tinha-se determinado que houvessem carreiras extraordinarias, e assim se fez. Finda a corrida partiu o primeiro comboyo sem occorrer novidade alguma. Um segundo comboyo acaba de receber passageiros para partir quando um outro que vinha de Lisboa, não parando a tempo conveniente, foi de encontro áquelle, fazendo-se a locomotiva em pedaços e destruindo neste choque uma poucas de carroagens. Por um momento o terror, os ais e as exclamações dominaram todos os animos, e em breve se começaram a vêr os effeitos do sinistro, que se fosse maior, e um dos comboyos não estivesse parado, teria mais horriveis consequencias. Um fogueiro ficou horrivelmente mutilado, e dando poucos signaes de vida; mais alguns individuos, talvez no numero de 10 ou 12, ficaram gravemente feridos, com pernas quebradas, braços partidos, cabeças abertas, costellas deslocadas, etc. Afóra estes houve ainda um grande numero de pequenos ferimentos e contusões em resultado do embate de uns individuos contra os outros dentro das carruagens.

Sentimos profundamente que se desse semelhante sinistro, e sem delle querer-mos fazer objecto de arguição, diremos somente que elle manifestamente foi devido a leveza indisculpavel, e a uma negligencia no serviço digna de toda a censura, e merecedora de um castigo exemplar.

Passado algum tempo vieram outros comboyos buscar os passageiros que se achavam no sitio dos Oliveaes.

— Foram hoje absolvidos os rapazes que haviam sido presos por offender as irmãs da charidade francezas. Provou-se que semelhante offensa não tinha existido, e que apenas fôra um simples brinco de creança, que não passou de lhe tocarem muito ao de leve nas abas do chapeo, quando lhe apre-

Não tenho embora balões,
Nem um francez director,
Mas tenho um bom confessor,
Que me atura, e não se enfada,
E tambem me dá pitada.

E' verdade que o rapé,
Por aqui é mesmo lama;
E segundo canta a fama,
A não ser do tal francez,
E' fugir do portuguez.

Pensa lá que faz arder,
As ventas como o francez?
E mesmo uma insipidez,
Nenhum gosto achar-lhe posso;
Sempre é rapé cá do nosso!

E todos es mais tabacos,
Que servem p'ra fungadeira,
São o mesmo: é estrumeira,
Que entra no nosso nariz;
Isto toda a gente diz.

Pois os pobres fumadores,
Para um cigarro fumar!
Primeiro o mão de catar,
Deitar fóra muito bicho,
E no fim só fuma lixo.

sentavam uma pequena canna, de que faziam um arremêdo de arma.

(Revolução de Setembro)

Porto 16.

— *Discurso notavel.* — Na sexta feira discutiu-se na Relação uma causa celebre de parricidio em que era advogado o nosso amigo o snr. Custodio José Vieira, que quando lhe deram vista para dizer sobre as nullidades do processo as deduziu segundo nos consta em grande numero, sendo algumas das que sempre se julgaram procedentes, taes como contradicções nos quesitos etc. Diz-se porem que s. exc.^a o snr. presidente se entremetera na questão, e que foi talvez em consequencia disso que o tribunal desattendera as nullidades apontadas, assignando com tudo tres juizes vencidos, cada um em ponto differente.

O snr. Custodio José Vieira, quando na sexta feira lhe deram a palavra preferiu simplesmente as poucas mas solemnes palavras seguintes:

« Eu teria muito que dizer se podesse discutir com o snr. presidente sobre as nullidades do processo; mas como não posso, limito-me a offerecer o merecimento dos autos. Que o réo soffra a pena que a lei inflige, que morra morte natural para sempre na forca, apesar do primeiro viridictum do jury em virtude do qual deveria ter sido absolvido, e apesar de se não entender nem a segunda nem a terceira decisão do mesmo jury. Que soffra que morra: assim o quer a justiça. »

Qui potest capere capeat.

(Nacional)

Porto 18. — Pelas noticias telegraphicas chegadas hontem a esta cidade sabe-se, que as côrtes foram addiadas até o dia 11 d'Outubro. Noticia extrahida do

Conservador

Lê-se na *Razão*; periodico de Valença

« *Libello infamatorio e de repúdio.* —

He o titulo que se deve dar a um manuscrito que com o nome de tesoura, nos consta ter apparecido, estes dias, mettido por baixo das portas d'algumas casas desta villa. Sim, este titulo se lhe deve dar pela materia que, segundo nos consta, elle contem, a qual fica bem explicada nas pou-

cas palavras deste mesmo titulo, pedindo a decencia e a honestidade etc. etc. que não adiantemos mais nada. Só sim devemos lançar um anathema sobre essas pessoas a quem primeiro appareceu esse indigno e malefico escripto por não reservarem, e antes manifestarem o seu conteúdo e sobre as auctoridades que não teem procedido a syndicancia precisa para conhecer o auctor de tão perverso e incendiario documento; auctoridades que ainda hoje estão de braços cruzados a respeito de tão delicado assumpto. Em quanto a essas pessoas, a que alludimos, já damos de barato que ellas perderam o senso commum e deixemo-las correr no seu estouvamento. Voltaremos ao assumpto no proximo numero e no entretanto ouviremos o que se diz sobre o seu occulto e ranhoso auctor, e veremos as medidas que as auctoridades tomam. »

Guimarães é mui bem mais civilizado, do que Valença.

Aqui ha uma *Tesoura*, mas é de Guimarães, não daquellas de Valença. — Dizem, é verdade, que apparece por ahi, de vez em quando, uma *Morraca*; mas tambem dizem, que não é incendiaria, antes mui decente, e honesta.

Experiencia. — No dia 6 teve lugar no hospital dos Invalidos, experiencias scientificas mui curiosas para a illuminação electrica. Esta experiencia deu o mais feliz resultado, e parece que a sciencia está em vespuras de resolver os grandes problemas do emprego da electricidade para illuminar as grandes vias de comunicação e costas maritimas.

(Porto e Carta)

N. B. Vêde o n.º 187 da TESOURA, artigo principal.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Cherburgo, 6 d'Agosto.

S. M., com a real familia e a esquadra, partiu do porto de Cherburgo, hoje, saudada com tres salvas de artilheria.

Ao jantar, a bordo da *Bretagne*, na vespóra, o imperador, propondo um brinde á rainha, exprimiu a sua convicção de que a visita de S. M. era mui adequada ao intento de assentar em bases ainda mais firmes a alliança entre os dous paizes.

Acabado o banquete, as esquadras e as fortalezas illuminaram-se, a esquadra franceza salvou em obsequio á rainha, e lançaram-se com profusão esplendidos fogos de artificio. A cidade tambem estava brilhantemente illuminada.

Lê-se no *Times*:

O *Victoria and Albert*, conduzindo de Cherburgo a rainha e a côrte, chegou a Osborne, hontem 6, ás cinco da tarde.

(Rei e Ordem)

As folhas francezas trazem extensas narrações das festas de Cherburgo, as quaes não podemos dar por falta de espaço, limitando-nos ao que deixamos transcripto, e dando em seguida as palavras do imperador, na occasião de fazer um brinde á Rainha Victoria, no jantar a bordo do navio *Bretagne*:

« Bebo á saude de S. M. a Rainha de Inglaterra, á do principe que partilha o seu throno e á da familia real. Fazendo este brinde na sua presença, a bordo do navio almirante francez, no porto de Cherburgo, apraz-me mostrar os sentimentos que nos animam a seu respeito. Com effeito, os factos fallam por si mesmos, e provam que as paixões hostis excitadas por alguns incidentes desgraçados, não poderam alterar nem a amizade que existe entre as duas corôas, nem o desejo dos dous povos de permanecerem em paz. Assim, tenho a firme esperança de que se se quizer excitar os rancores e as paixões d'uma outra epocha, ellas naufragarão diante do bom senso publico, como as vagas se quebram diante do dique que protege neste momento contra a violencia do mar as esquadras dos dous imperios. »

O principe Alberto respondeu da maneira seguinte:

« Senhor, a Rainha deseja que eu ex- prima a V. M. o quanto ella é sensivel á nova prova de amizade que vós aca-

E charutos? oh que mina!
São mesmo uma corrupção,
Cada fumaça que dão,
Os fumantes hoje em dia,
Causam logo epidemia.

O lenço em que se assoa,
Quem toma o nosso rapé,
Tem um cheiro que mesmo é
Fugir como de cão morto,
Que poem logo o nariz torto.

E a boquinha do que fuma,
Por mais lavada que seja,
Mal a abre, e que bafeja,
Logo espalha um tal fedor
Revoltante, insoffredor.

Com tudo a minha pitada,
Eu chucho de quando em quando,
Mas assim que a vou fungando,
Sem um só espirro dar,
Do governo entro a ralhar.

E não ralho sem razão,
Por elle q'rer só dinheiro,
E que engorde o estanqueiro,
E mais os contratadores
De quem recebe favores.

Sempre um governo assim,
Só feitiño d'encomenda!
Veja lá se tem emenda
Com tanta seringadella?!
Lá para elle e bagatella!

Minha mana, 'stá perdida,
Se não larga essa canalha,
De que a boa gente ralha,
E só gaba o que á capacho,
P'r'alcançar algum despacho.

Saiba que esses toleirões,
(O que não podem negar,
Porque os não veio educar,
A caridade franceza)
São asnos por natureza.

E asnos excellentissimos
De que marca não serão?
Hão de dar, e com razão,
Uns coices mui excellentes,
E por fim ferrar os dentes.

Fuja, fuja para cá,
Deixe escoicinhar, mcrder,
Sempre hade ter que comer,
Um caldinho á nossa moda,
Ou dentro, ou fóra da roda.

Em quanto ahi existir,
Vive sem graça de Deos,
E se, abraçando estes meus
Conselhos, mudar de vida
E'-lhe a graça restituída

Sabe o que me faz lembrar,
Taes mestres de caridade?
Hypocrisia e maldade,
Occultar ao nosso povo,
Por meio d'invento novo.

Não desprese os meus conselhos,
Veja pois se tem emenda,
E não mais, não mais offenda,
Os brios d'esta nação,
Apoiando a sem-razão,

Inda me doe a cabeça
Com os taes seus desvarios,
Ora calor, ora frios,
Andam em meu corpo a girar
E não posso continuar.

Adeos, mana, vou dormir,
Que são horas de deitar;
A resposta fica a esp'rar,
A que com toda a ternura,
Mesmo lá da sepultura

*Lhes será affeicoada
Lucia Lucas Laranjada.*

«bais de dar-lhe, fazendo-lhe um brinde e pronunciando palavras que lhe serão caras para sempre.

«Vossa Magestade conhece os sentimentos de amizade que a Rainha vos consagra e á Imperatriz, por tanto, não tenho necessidade de vo-los recordar. «Vós sabeis igualmente que a boa intelligencia entre os nossos dous paizes é o objecto constante de seus desejos, como o é dos vossos. A Rainha é pois duplicadamente feliz em ter a occasião, pela sua presença aqui, neste momento, de se alliar a vós, Senhor, esforçando-se por estreitar tanto quanto seja possível os laços de amizade entre as nossas duas nações. Esta amizade é a base da sua prosperidade reciproca, e a benção do céo não lhe faltará.»

«A rainha bebe á saude do imperador e da imperatriz.»

HESPAHNA.

A febre amarella, no dia 9, continuava circumscripção no Ferrol, tendo occorrido 17 casos e fallecidos 5 individuos. Todos os atacados tinham vindo no vapor *Isabel 2.^a*, que chegou á Peninsula com o correio da ilha de Cuba ha mais de dous mezes.

Como senão estende a epidemia pelo littoral, e até agora invadiu somente os que chegaram das Antilhas, não tem o caracter de gravidade que alguns lhe attribuem.

Em Gijon tomaram-se efficazes precauções a fim de evitar o contagio, e se fizeram os preparativos necessarios para no caso de ser preciso, se trasladar á corte immediatamente ao interior.

SS. MM. permaneciam n'esta cidade sem novidade, tomando tranquillamente os seus banhos.

Um despacho da Corunha de 9 diz que o vapor *Isabel 2.^a* sahira para o lazareto de Vigo. A cidade continuava limpa. Tinha morrido no hospital um dos invadidos do vapor, porem não se apresentaram novos casos.

— Teme-se na Italia uma nova tentativa de Mazzini. As auctoridades austriacas do reino lombardo-veneziano, exercem na fronteira piemontezza grandes vexações. — Toda a pessoa procedente dos estados sardos é objecto de registros de caracter odioso, e os individuos encarregados d'essas medidas de precaução, dictadas mais por uma especie de vertigem do que pela prudencia, são, no seu conceito da *Opinion* de Turin, de uma ignorancia tal, que os levou a recolher uma estampa de modas por um retrato de Mazzini vestido de mulher. Parece tambem que o governo piemontez tenciona adoptar medidas contra o agitador italiano. (*Braz Tisana.*)

Os jornaes de Madrid publicam as seguintes participações telegraphicas:

«Corunha 11 — ás 2 horas da tarde.

A saude publica no Ferrol e nesta cidade continúa inalteravel.

Gijon 11. — A rainha já não vae á Galliza. Parte d'equi para Santander, e seguirá por Valholid para Madrid.

A viagem a Covadongue, onde o principe D. Affonso receberá o sacramento da confirmação no mesmo sitio, onde se regenerou a monarchia hespanhola, e sobre as cinzas dos Pelayos e Affonsos que allizam, está fixada para fins do corrente.

Corunha 11—ás 6 da tarde.

Por participação dos facultativos ao alcaide do Ferrol, e deste ao governador civil da provincia, sabe-se, que até agora não houve nenhum caso novo de febre.

Dos 8 doentes que ficavam no hospital, extra-muros do Ferrol, um tinha morrido, outro estava grave, e os 6 estavam convalescentes.

A fragata «Petronila», e os vapores «Izabel 2.^a» e «Izabel a Catholica», estavam no lazareto de S. Simão, e não tinham tido nenhum novo caso. (*C. do Porto*)

ANNUNCIOS.

PELO Juizo de Direito desta Comarca e cartorio do escrivão — Freitas Costa — correm editos de 60 dias, a contar de 18 deste mez, a requerimento de Manoel Joaquim da Silva, da freguezia de Santa Christina de Longos, desta comarca. na qualidade de cessionario de Maria Luiza Ribeiro, da sobredita freguezia, pelos quaes se chamão e citam os ausentes em parte inserta no Imperio do Brasil, Francisco, Custodio, José e Antonio, filhos que ficaram de João Corrêa, morador que foi na referida freguezia, e lugar do Campo, para na segunda audiencia deste Juizo, passados os ditos 60 dias fallarem a artigos de habilitação, por fallecimento de seu avô Manoel José Corrêa, morador que foi no lugar do Picouto da referida freguezia, e a todos os seus termos até final, e para findo que seja o incidente de habilitação e dentro de dez dias pagarem juntamente com os mais co-reos ao requerente a quantia de 55\$000 rs. e seus juros vencidos e vencendos ou nomearem bens á penhora, tudo com a pena de revelia. (472)

PERTENDE-SE um Caixeiro para loja de pannos com boa forma de letra, e as mais qualidades precisas, quem estiver nestas circumstancias pôde dirigir-se pessoal ou por escripto a José d'Oliveira e Silva, negociante nesta cidade, o qual está incumbido por pessoa que o pertende. (471)

ATENÇÃO.

O Beneficiado José Antonio de Novaes, morador no campo da Feira desta cidade de Guimarães, constando-lhe que pessoas mal intencionadas fizeram espalhar que o exc.^{mo} snr. Manoel de Magalhães de Araujo Pimentel, senhor da casa de Gandarella em Basto, e ora residente na sua casa da cidade de Braga, se retirara da dita cidade com bastantes dividas; o annunciante declara que é verdade o mesmo exc.^{mo} sr. Manoel de Magalhães Araujo Pimentel, ter sahido da sua casa de Braga para a cidade do Porto, e desta para Lisboa, vindo por ultimo para a sua casa de Coimbra aonde se acha: o dito beneficiado José Antonio de Novaes na qualidade de procurador de s. exc.^a, posto que não auctorisado por elle para fazer esta declaração, mas querendo tão sómente fazer vêr a essas pessoas mal intencionadas, o quanto são infundados esses seus juizos, faz saber o mesmo annunciante, a todos os Senhores e Senhoras, pessoas de negocio officios etc. ou outras quaesquer pessoas a quem s. exc.^a haja de dever, e que julguem mal paradas as suas dividas, que se dirijão a elle annunciante seu procurador

no campo da Feira desta cidade casa n.º 6 — ou pessoalmente ou por escripta a fim de com elle tratarem de suas seguranças, ou marcarem dia para receberem o seu dinheiro.

O Beneficiado José Antonio de Novaes é bem conhecido nesta cidade, e em todo o Reino.

Guimarães 19 d'Agosto de 1858.

(473) José Antonio de Novaes.

No dia 22 do corrente mez d'Agosto, por nove horas da manhã, no tribunal das audiencias d'esta comarca, collocado no extincto convento de S. Domingos d'esta mesma cidade, se tem de arrematar duas moradas de casas de dous andares, com os n.ºs 3, e 4, sitas na rua de Traz de S. Sebastião desta mesma cidade, e isto em execução, que Raimundo Alves Torres, move contra Maria José, viuva, e filhos, que ficaram do fallecido Antonio Joaquim Pereira, todos d'esta referida cidade, e da qual é escrivão Antonio Soares Mascarenhas, do Juizo de Direito da mesma, onde se pôde examinar a execução, que contem os precisos esclarecimentos. (467)

COMPANHIA VIAÇÃO PORTUENSE.

Os snrs. accionistas de Guimarães, são prevenidos de que começou a cobrança da 4.^a prestação das Acções da 2.^a emissão, a 5\$000 rs. por Acção.

O Agente da Companhia

Francisco José de Carvalho e Oliveira.

(468) Largo de S. Francisco.

DILIGENCIA

ENTRE O PORTO E SANTO THYRSO.

Carneiro & Marinhas, estabelecem uma corrida nos domingos, segundas, quartas e sextas feiras, a principiari na segunda feira 2 d'Agosto, partindo da casa do annunciante ás 4 horas da manhã, e de Santo Thyrso ás 4 da tarde. Os bilhetes vendem-se no Bomjardim, casa do Paraizo, e em Santo Thyrso, em casa de Narciso José Teixeira, á entrada.

(463) Preço por cada pessoa.... 1\$000 rs.

THEATRO

EM BENEFICIO DO DIRECTOR.

Domingo 22 de Agosto.

Acaba de ahegar a esta cidade uma Companhia de tres artistas Portuguezes, que trabalham em destreza de mãos de

MAGICA NATURAL.

E lindos Bãiles, com a Companhia Mecanica Portugueza.

Estes artistas teem trabalhado nas cidades do Porto, Braga, Vianna do Castello, e muitas mais cidades e Villas, aonde teem sido bem acolhidos; esperam merecer o mesmo favor dos illustres espectadores.

PREÇOS. Platea 200 rs. — Camarotes 1.^a e 2.^a Ordem frente 1\$440 — Lados 1\$200 rs. — 3.^a Ordem frente 960 rs. Lados 720 reis. Principiará ás 8 horas e 1/2

GUIMARÃES.

Typ. Vimaranesense da Tesoura, rua Donães n.º 13.